

MUSEU DE MÉRTOLA

# arte islâmica



## Ensaaios

<b>Mértola. Museu Islâmico</b> António Borges Coelho	11
<b>A civilização islâmica. Última síntese mediterrânica</b> Cláudio Torres	17
<b>Mértola islâmica: os dados dos textos árabes medievais</b> Abdallah Khawli	25
<b>Mértola islâmica: topografia de uma cidade mediterrânica</b> Santiago Macias	43
<b>A cerâmica islâmica de Mértola</b> Susana Gómez Martínez	63
<b>Os materiais não cerâmicos do período islâmico</b> Lígia Rafael	71
<b>A necrópole islâmica de Mértola</b> Alicia Candón Morales	83
<b>As inscrições lapidares árabes de Mértola</b> Artur Goulart de Melo Borges	101

## Catálogo

<b>Cerâmica</b> Susana Gómez Martínez	107
<b>Metais, osso trabalhado e vidros</b> Lígia Rafael	169
<b>Epigrafia</b> Artur Goulart de Melo Borges	181

## Construir um museu

“O documento escrito, nas suas linhas e entrelinhas, pretende mostrar à posteridade os feitos dos poderosos, os registos de uma história encomendada. Aos oprimidos, sem escrita, resta o efémero de um gesto ou acorde musical, resta o artefacto humilde de todos os dias, a panela escura que esbeçou de cansaço ou o candil onde o azeite secou” - é este o lema que há mais de vinte anos guia o nosso trabalho e que inscrevemos no painel de acesso a este museu.

A investigação arqueológica, enquanto actividade científica, desde muito cedo se aliou a outras visões do passado e se lançou na procura de percursos diferentes na compreensão de um território e na dinâmica dos seus habitantes. Nos primeiros tempos, era quase só a arqueologia, meia dúzia de quadrículas abertas à canícula num terreiro a que se viria a dar o nome de “alcáçova de Mértola”. Depois, vieram outros caminhos, a arqueologia descobriu e vestiu as esquecidas mantas serrenhas, equiparam-se laboratórios, recuperaram-se peças, montaram-se exposições, foram localizados e restituídos velhos engenhos de produção, reinventaram-se as tecnologias tradicionais e fez-se, incansavelmente, um longo e aturado trabalho científico.

A procura da identidade esquecida de Mértola levou-nos a olhar mais além. Fomos encontrar lá longe, do outro lado de Gibraltar, nos territórios do Rif, do Atlas e da Kabília, raízes culturais e modos de vida idênticos ao nosso. Uma antiga e nunca interrompida simbiose cultural reflecte-se, ainda hoje, nos modos de vida, nos hábitos do quotidiano ou mesmo nos trajes das mulheres camponesas. São idênticos os gestos e os modos de olhar. São as mesmas mãos a coser as redes, a segurar a rabiça do arado, a moldar o barro dos adobes.

Foram estes personagens e criadores desconhecidos que a arqueologia foi mostrando, dando-lhes um merecido lugar de destaque ao lado dos grandes senhores imortalizados nos relatos escritos da história.

Neste nosso museu falamos também da história possível dos vencidos, dos camponeses, pescadores e artesãos de Mértola, a quem chamaram mouros, e que habitaram e que, de certa forma, ainda habitam as casas dos seus antepassados.



A história de Mértola, a nossa história, está quase só gravada nas pedras dos muros, na memória das tradições e naquilo que de mais antigo o território conserva. É uma história longa e silenciosa de que as fontes escritas quase não falam e onde emires e califas nunca passaram.

Um quilómetro de muralha, sete hectares intramuros, dois mil habitantes e um porto fluvial em contacto com o mar, fizeram da antiga cidade de Mértola uma pequena capital regional e um destacado entreposto que soube aproveitar o Guadiana como fonte de sustento e ponto de abertura a todas as rotas do comércio mediterrânico. Da cidade islâmica, além do seu próprio traçado urbano restam alguns poucos vestígios monumentais, aqui mostrados ou sugeridos e, sobretudo, as pequenas marcas da vida de todos os dias, as memórias de muitos e antigos saberes.

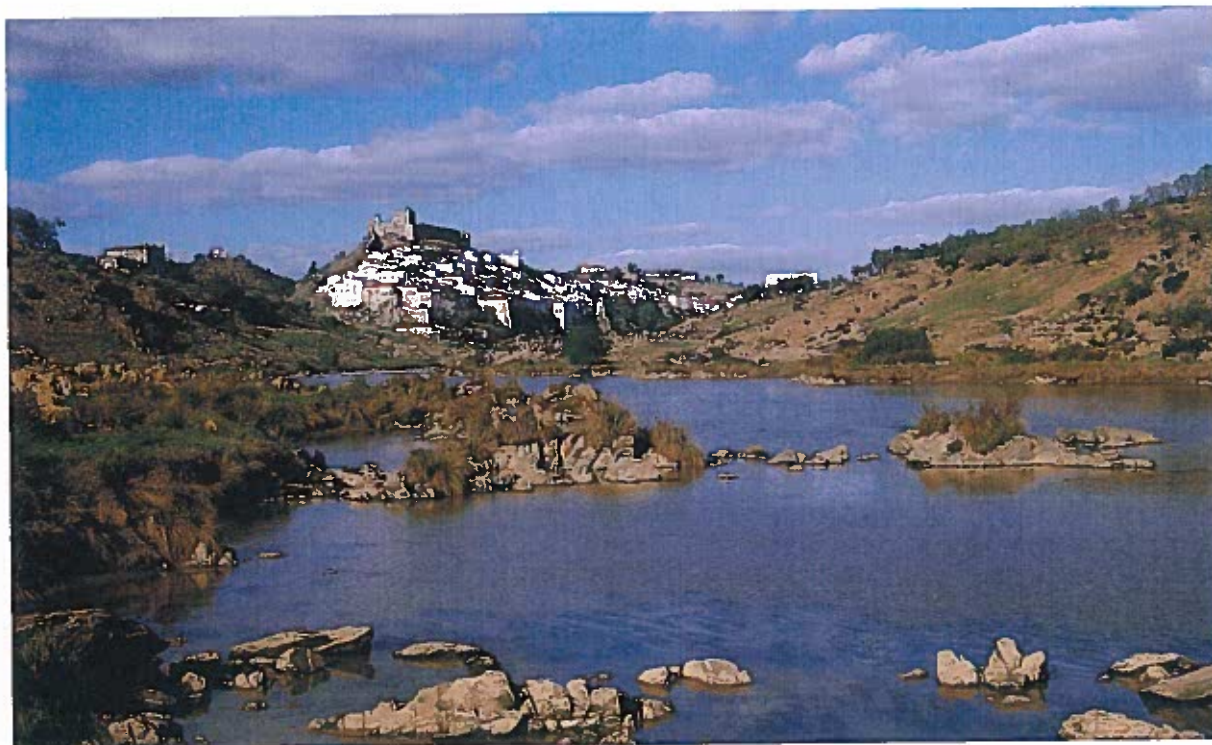
Vinte anos de trabalhos arqueológicos desvendaram um pouco dessa cidade antiga. Horas infindáveis de escavações e de restauro de materiais permitem hoje montar um museu inimaginável há trinta anos atrás. Passado todo este tempo é hoje possível dizer que em Mértola o passado faz parte do futuro.

Mais de tudo o que se possa e queira dizer, o que agora se celebra nesta mostra é a conquista para uma terra do interior, e por via de uma riqueza patrimonial que não cessa de nos surpreender, de uma projecção, de uma dignidade e de perspectivas de desenvolvimento que os senhores da terra do século XX jamais imaginaram e muito menos desejaram.

CLÁUDIO TORRES  
SANTIAGO MACIAS

## Mértola islâmica - topografia de uma cidade mediterrânica

SANTIAGO MACIAS



Vista geral  
de Mértola

A costa atlântica do sul da Ibéria é uma longa e suave curva que começa no Estreito de Gibraltar e acaba em Sagres, no Promontório Sagrado dos antigos.

Há, ao longo dessa costa, um punhado de cursos de água navegáveis e onde chegaram, ainda de forma nítida, os ecos do mundo mediterrânico. Subindo os rios, e a alguma distância da foz, encontram-se algumas das mais importantes cidades mercantis meridionais<sup>1</sup>: Sevilha (no Guadalquivir), Niebla (no Tinto), Tavira (no Gilão), Silves (no Arade) e Mértola (no Guadiana), último e mais longínquo porto do Mediterrâneo Ocidental.

Sobre Mértola, o silêncio é quase total nas fontes escritas romanas. Para além de ser mencionada em vários itinerários clássicos, como o de Antonino Pio ou o do Anónimo de Ravena<sup>2</sup>, e das sempre repetidas frases sobre a magnificência das suas muralhas, pouco mais nos dizem os textos. O mesmo se pode afirmar em relação ao período islâmico, em que Mértola merece (exceção feita à narrativa das aventuras militares de Ibn Qasi) apenas breves e pouco elucidativas referências.

Foi, por isso, esperar que a arqueologia pudesse começar a ensaiar algumas tentativas de resposta. Apesar de um notável começo protagonizado por Estácio da Veiga - autor das primeiras escavações e da ainda hoje imprescindível "Memória das Antiguidades de Mértola"<sup>3</sup> -, demorou cerca de um século até que os trabalhos arqueológicos arrancassem de forma definitiva. Pelo meio ficaram algumas intervenções realizadas por Leite de Vasconcelos e diversos trabalhos publicados, e que incidiram, quase sempre, sobre Mértola no período romano ou na Alta Idade Média<sup>4</sup>. A islamização esteve, sempre, relegada para segundo plano, não merecendo mais que rápidas menções.

## 1. Uma cidade na margem do Mediterrâneo

Tirando partido do seu posicionamento estratégico (é o porto mais a norte no Guadiana e beneficia do aproveitamento de um esporão rochoso que separa aquele rio de um seu afluente) Mértola tornou-se um entreposto comercial de grande importância desde o período pré-romano. Aqui se cruzavam o rio e as estradas que levavam o pão e o azeite dos terrenos argilosos de Beja e os minérios de Aljustrel e de São Domingos.

Essa dinâmica manteve-se até meados do século XIII d.C., atingindo particular relevo na época almóada, numa altura em que as antigas capitais do sul (Beja e Ossónoba) cederam o lugar, em termos de notoriedade, a localidades como Mértola e Silves.

No caso de Mértola parece haver uma evidente inversão da ordem estabelecida com a cidade de Beja, que marcou até ao período califal um claro ascendente na região. Mértola conheceu um maior protagonismo ao longo do período almóada, beneficiando dos progressivos apagamento e decadência de Beja. A povoação à beira do Guadiana manteve, ainda assim, um estatuto administrativo modesto, sendo sempre mencionada como *hisn* (fortificação) e nunca como *medina* (cidade). É, assim, provável que a localidade tenha sido a cabeça de um imenso espaço rural<sup>5</sup> num território cuja organização e sistema de hierarquias continuam ainda a ser mal conhecidos.

E se esse período (o dos séculos VIII-XIII d.C.) esteve no centro das atenções dos trabalhos arqueológicos iniciados em 1978, a perspectiva de análise das investigações centrou-se sobretudo nas formas de



transição entre o mundo antigo e o período medieval, postulando-se a existência de uma continuidade entre a Antiguidade Tardia e a islamização e desvalorizando-se a data de 711 d.C. como momento de ruptura<sup>6</sup>.

As ligações entre Mértola e o espaço mediterrânico (com particular destaque para os contactos com o Norte de África) assumem, depois de duas décadas de trabalhos, uma clareza que inicialmente apenas se suspeitava. A importação de cerâmicas levantinas<sup>7</sup>, as proximidades formais entre a basílica do Rossio do Carmo e os templos de dupla ábside da *Mauretania* e da *Africa Proconsularis*<sup>8</sup>, a presença de uma comunidade de origem líbia<sup>9</sup> ou os evidentes paralelos entre os mosaicos bizantinos de Mértola e os da Cyrenaica são apenas algumas das peças – sem dúvida as mais importantes – de um puzzle que ainda não está concluído.

A dinâmica de contactos com o grande mar interior manteve-se com a islamização, conforme o atestam a invulgar colecção de cerâmica produzida no Mediterrâneo Ocidental<sup>10</sup>, a tipologia arquitectónica do bairro da alcáçova ou as influências da mesquita de Tinmal na de Mértola.

A despeito das dúvidas que permanecem e dos problemas de difícil resolução a arqueologia e a releitura dos espaços da cidade ajudaram, contudo, a decifrar parte da topografia da Mértola Islâmica. Um primeiro esboço é hoje possível, com a marcação clara dos principais espaços intra e extra-muros: nos primeiros incluem-se a zona do poder (o alcácer e o bairro que lhe estava adjacente) e o espaço religioso (a mesquita aljama); nos segundos um arrabalde e a necrópole.





## 2. O alcácer e o bairro

O espaço do poder da Mértola islâmica define-se num claro binómio entre o alcácer e o bairro, com o primeiro a apresentar uma ocupação mais antiga que o segundo.

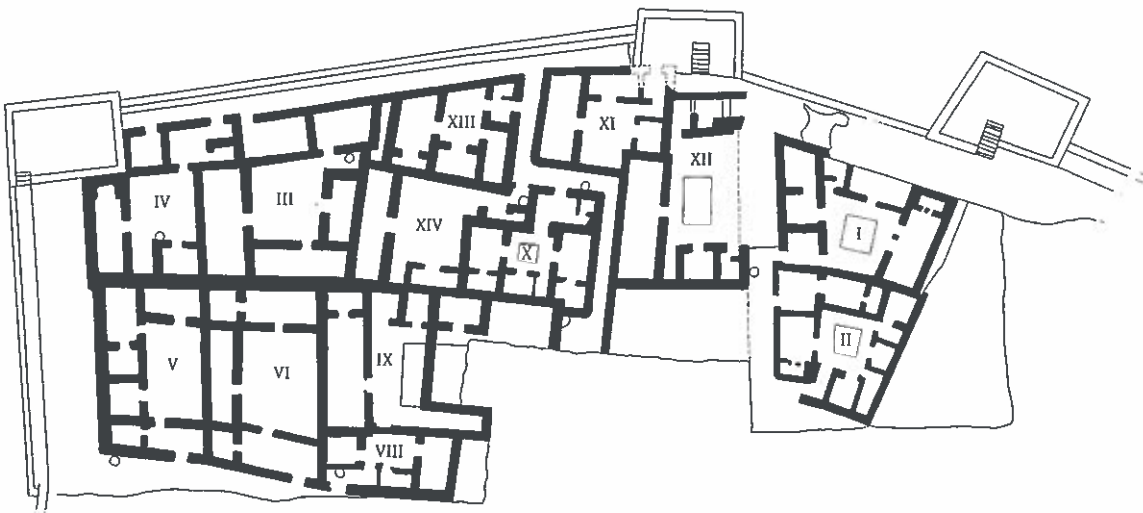
A tradição escrita aponta o século IX como época de reconstrução da fortaleza islâmica, uma vez que teria sido Ibn Abd al-Jawad, aliado de Ibn Marwan, a realizar essas obras<sup>11</sup>. Embora se afirme quase sempre que tais edificações apresentam uma data mais tardia (por volta do século XI d.C.), não é menos certo que a tipologia de um torreão da muralha norte do alcácer e o dispositivo de entrada na fortaleza - com a porta flanqueada por dois torreões facetados<sup>12</sup> e um acesso em cotovelo - podem pertencer a uma época antiga (séculos IX ou X d.C.).

Esta datação não é incompatível com as estruturas e os materiais que têm vindo a ser exumados no interior do alcácer. Aos níveis de ocupação islâmica pertencem restos de uma habitação e uma

Castelo  
de Mértola







Casas do bairro  
islâmico  
da alcáçova  
de Mértola

fossa de saneamento, que terão sido abandonados no período almorávida, baseando-se a datação deste nível nas cerâmicas encontradas e que têm uma cronologia que oscila entre o século X e finais do século XI d.C.<sup>13</sup>.

No exterior do alcácer desenvolveu-se mais tarde uma área habitacional, delimitada pelas muralhas a norte e a oeste e pela mesquita aljama a este. Apesar de um abundante espólio (sobretudo cerâmico) de época pré-almóada nunca foram encontradas estruturas habitacionais que possam ser atribuídas aos primeiros séculos da islamização.

O grande programa de obras posto em prática neste limite norte de Mértola, e reconhecido pelas escavações, não só está bem datado (segunda metade do século XII) como sabemos que a construção do bairro foi levado a cabo numa só campanha, a qual implicou extensos trabalhos de nivelamento do terreno e, sobretudo, um notável esforço de planificação prévia.

É ao nível do “planeamento” que este bairro chama a atenção: o bem organizado sistema de condutas de água, fossas de saneamento, ruas e habitações não teria sido possível sem a existência de um poder capaz de impôr de forma rigorosa o que queria, numa repetição do que observamos em Saltes ou, numa escala mais imponente, em conjuntos palatinos como Medina az-Zahra.

A tipologia das habitações obedece a um bem conhecido esquema base de organização, que identificámos em Mértola e que é familiar a tantos outros conjuntos habitacionais do Ândalus - recordem-se, a título de exemplo, Saltés, Pechina, Cieza, Murcia ou Silves.

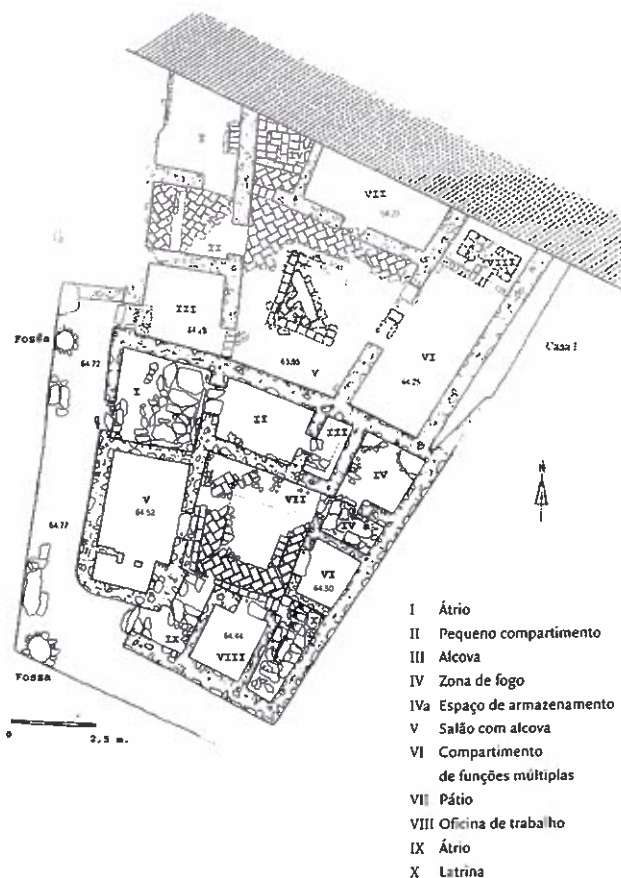
## As casas do bairro islâmico

Recordemos, apenas nos seus aspectos essenciais, a concepção destas casas: todas elas eram espaços fechados sobre si, virados para o interior e com raras aberturas ao exterior, de forma a preservar a intimidade dos habitantes.

Casas I e II  
(vista geral)



Planta da casa II  
(área em destaque)



Os pátios interiores eram, ao mesmo tempo, o coração da casa e o seu compartimento principal. Ocupavam a maior superfície e permitiam a iluminação e a ventilação. Dadas as características climáticas da região, é provável que o pátio jogasse um papel importante no quotidiano da população, em particular como lugar de trabalho das mulheres da casa e como espaço de preparação das refeições. Este espaço tinha nas casas mediterrânicas o papel que estava reservado às lareiras nas habitações do Norte.

A zona central dos pátios pôde ser utilizada, em certos casos, como pequeno talhão onde a menta, a salsa ou os coentros eram plantados. Todas estas casas tinham uma sala principal, que era também a zona mais utilizada. Os salões eram geralmente pavimentados com argamassa e pintados com *almagre*. Tinham, ao menos numa extremidade, uma pequena alcova, sempre sobre-elevada em relação ao pavimento.

Na maior parte destas casas a cozinha era um espaço independente e utilizado apenas para a preparação das refeições. Após a Reconquista, apenas as casas mais ricas mantiveram as cozinhas enquanto espaços autónomos.



Nas pequenas cozinhas do bairro da alcá-cova de Mértola constatou-se a existência de uma separação clara entre os espaços de armazenamento e a zona da lareira, característica original e para a qual não temos paralelos noutros conjuntos habitacionais da mesma época.

A zona de armazenamento ficava sempre em ligação directa com o pátio e permitia guardar os recipientes destinados à conservação. A zona interior das cozinhas estava reservada às lareiras, normalmente postas sobre o solo ou escavadas e delimitadas por alinhamentos de pedras bem organizados. A presença destas estruturas arcaicas em sítios urbanos (igualmente assinalados numa casa medieval de Qsar es-

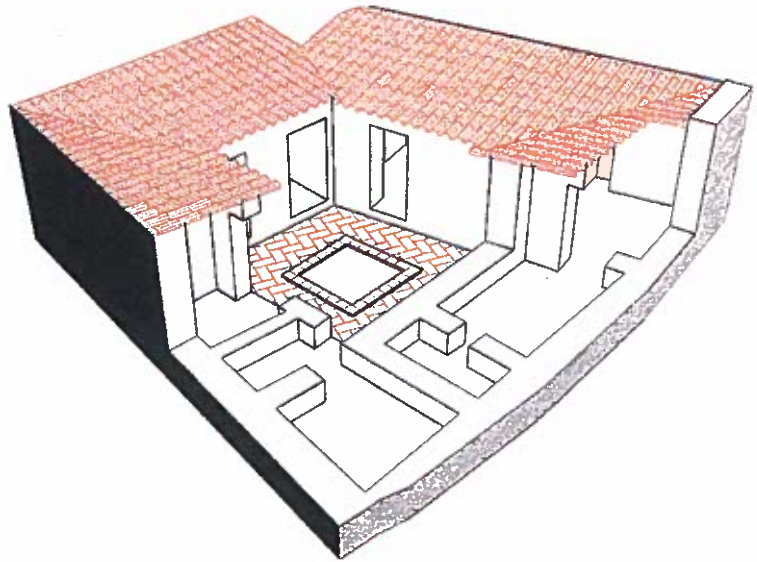
Seghir, no Norte de Marrocos) podem indicar-nos a presença a presença de uma população de origem rural e que não tinha ainda abandonado alguns dos seus hábitos ancestrais.

Cada habitação dispunha também de uma latrina, ligada a uma rede de esgotos ou, com mais frequência, a uma fossa aberta na rua, ao lado da casa.

A Reconquista e um novo sistema de organização social que lhe está associado parecem ter posto fim a este modelo de casa. No sul de Portugal alguns dos palácios dos séculos XV e XVI inspiraram-se nos modelos palatinos andaluzes. Mas, de um modo geral, o modelo da casa mediterrânica foi substituído por um novo modelo, reflectindo a estrutura familiar de tipo nuclear.

A construção deste bairro tem sido por alguns autores relacionada com o abandono da cidade de Beja e com a necessidade de realojar uma parte da sua população, que teria passado a residir em Mértola<sup>14</sup>. Mesmo que tal hipótese não possa ser confirmada em toda a sua amplitude, a cronologia de edificação do bairro concide com a daquele evento.

Há, em todo o caso, uma dinâmica de ocupação da alcá-cova de Mértola que está, de momento, estabelecida: os níveis habitacionais mais antigos situam-se no alcácer, cujo conjunto de casas foi abandonado em finais do século XI d.C.; na segunda metade do século XII d.C. constrói-se um bairro na alcá-cova (sobre o antigo complexo palatino de época bizantina), numa altura em que o castelejo terá passado



Casa II  
(proposta de  
reconstituição)

a ser usado apenas como espaço militarizado. Essas características castrenses serão acentuadas após a reconquista, com a construção, em finais do século XIII d.C., da torre de menagem.

O bairro, por seu turno, foi rapidamente abandonado após Mértola ter sido tomada e viu o seu espaço ser transformado no cemitério cristão da cidade.

Igreja matriz de Mértola (antiga mesquita) na actualidade

“Igreja que foi mesquita” – desenho de Duarte Darmas (início do século XVI)



### 3. A mesquita

A oriente do bairro da alcáçova situava-se a mesquita, actual igreja matriz<sup>25</sup>. A localização e a estrutura dos lugares de culto muçulmano de Mértola anteriores ao período almóada são-nos desconhecidos. Com toda a probabilidade a extensa plataforma, parcialmente artificial, onde se ergue a aljama da derradeira fase da islamização terá sido, em épocas anteriores, ocupada por locais de culto de diferentes religiões.

O edifício que persistiu até à primeira metade do século XVI e que pôde ser desenhado por Duarte Darmas (com a referência



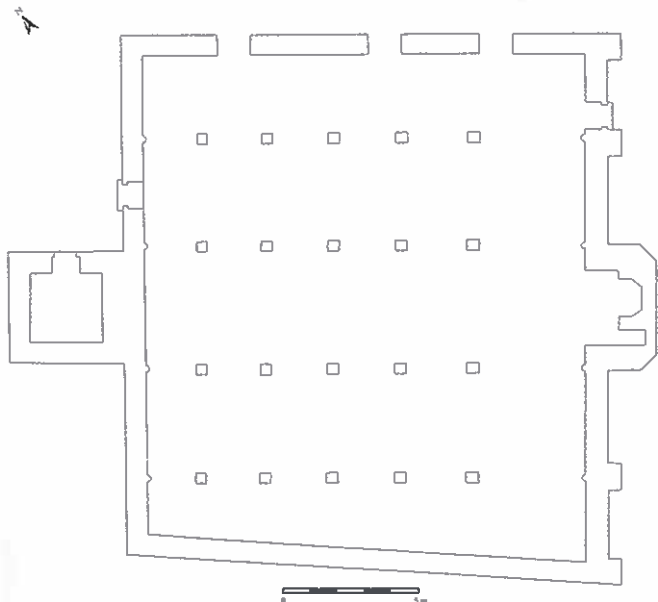


expressa de “igreja que foi mesquita”) não é anterior, contudo, anterior aos meados do século XII d.C., incorporando elementos arquitectónicos de construções anteriores, nomeadamente da época romana e da Alta Idade Média, sem que seja possível identificar actualmente vestígios do edifício a que terão pertencido.

### O espaço interno da mesquita

A estrutura base da mesquita de Mértola manteve-se sem grandes alterações até ao século XVI, altura em que grandes campanhas de obras lhe deram o aspecto que ainda hoje ostenta.

No desenho de Duarte Darmas, feito nos inícios de Quinhentos, é ainda perfeitamente legível a estrutura da mesquita, construída na segunda metade do século XII d.C. e consagrada ao culto cristão após a Reconquista. Templo com cinco nave, cada uma com um telhado de duas águas, dele restam ainda os muros exteriores e quatro pequenas portas (três abertas ao antigo pátio e uma outra ao exterior) em que o arco em ferradura, levemente peraltado, é emoldurado por um alfiz. Da mesquita conserva-se também um pequeno fragmento de lintel epigrafado com uma inscrição religiosa, datável da segunda metade do século VI H./XII d.C.<sup>16</sup>



Planta da mesquita (proposta de reconstituição) e porta da mesquita.

O edifício, de estrutura em alvenaria e planta quadrangular, ocupa cerca de 300 m<sup>2</sup> da área contígua ao antigo complexo religioso de época bizantina. As medidas exteriores do imóvel mantiveram-se quase inalteradas até hoje, cerca de 18 por 16 metros, medidas que se aproximam das 13,5 por 16 varas apontadas na Visitação de 1515<sup>17</sup>.

Os ligeiros desacertos constatados nas medições das diferentes paredes-mestras e a falta de simetria da planta terão origem no facto de se terem certamente utilizado os alicerces de muros pré-existent, que serviram de base às paredes actuais.

Internamente foram várias as modificações operadas pelas obras quinhentistas. A construção actual tem cinco naves, tantas quantas a que a mesquita tinha, o que parece corresponder ao modelo dos santuários de média dimensão<sup>18</sup>. Apresentava, contudo, seis tramos, ao contrário dos quatro actuais, conforme se pode ler no texto da Visitação ali efectuada em 1515<sup>19</sup>.

Considerando as medidas acima indicados é provável que, com excepção do que se localiza ao longo da qibla, cada um dos tramos não excedesse os 3 metros de largura. À maior largura da nave central (norma corrente neste tipo de edifícios<sup>20</sup>) corresponderia também, no exterior, um telhado mais alto, que se deveria assemelhar ao da reconstituição proposta para a mesquita de Tinmal<sup>21</sup>. Tal como era hábito neste período, deve ter existido na aljama de Mértola uma nave transversal ao longo da qibla, mais larga que os restantes tramos.

A existência de duas naves (a transversal e a central) de maiores dimensões que as outras criava uma zona bem marcada no interior da mesquita, facilmente identificável pela sua planta em “T”, também presente em Kairouan, Argel, Córdoba, Tinmal e Marrakech<sup>22</sup>.

Tal como em Tinmal - cujo modelo a mesquita de Mértola segue de perto -, há aqui um conjunto de características que são comuns a muitas mesquitas almóadas:

- a) Planta em T
- b) Pátio pequeno em relação ao santuário
- c) Regularidade e simetria da planta
- d) Construção numa só campanha em detrimento das edificações de épocas anteriores, feitas ao longo do tempo e em alargamentos sucessivos

A altura primitiva dos muros rondava os 5,50 metros conforme se pode ainda constatar nos alçados Sudeste e Nordeste. Um pequeno ressalto marca, nesses dois muros, o topo da primitiva construção. Sobre esta estrutura, e ligeiramente recuado, distingue-se de modo claro o alteamento que foi executado aquando da construção das abóbadas e do qual nos ficou o testemunho escrito das Visitações<sup>23</sup>.



No desenho de Duarte Darmas identifica-se um conjunto de contrafortes no muro da qibla que pertenceram à antiga mesquita. Situavam-se nos extremos daquele muro e na zona que correspondia à separação das cinco naves interiores do edifício.

Tal como ocorreu em tantos outros sítios do Ândalus a reconquista de Mértola trouxe consigo mudanças religiosas profundas. A mesquita aljama, ponto de encontro da comunidade às sextas-feiras, deu lugar à principal igreja da cidade.

Em muitos sítios a mudança de orago não se revelou satisfatória e levou, a curto ou a médio prazo, à destruição dos antigos espaços de culto dos muçulmanos e à construção de um novo local mais condizente com a fé dos novos senhores. Não foi esse, contudo, o caso de Mértola. O afastamento em relação aos principais circuitos económicos do novíssimo reino de Portugal e o conseqüente empobrecimento desta região inviabilizaram a renovação das construções religiosas da cidade. Muito menos possibilitou a edificação de uma nova igreja matriz.

Por essa razão o edifício almóada conheceu uma longevidade pouco vulgar, mantendo até à terceira década do século XVI a estrutura e especialidade originais<sup>24</sup>. Ainda assim, a necessidade de eliminar a pesada carga simbólica que o mihrab representava e não querendo certamente os novos senhores fazer as suas preces na mesma direcção outrora utilizada pelos muçulmanos levou a que o altar-mor fosse instalado noutra local, passando a ocupar um espaço de destaque no muro nordeste do edifício.

A disposição das colunas impedia, porém, os fiéis de verem o altar, o que motivou protestos e levou mesmo os visitantes da Ordem de Santiago a determinar que o altar-mor devia voltar para o “onde estava o alcoram”<sup>25</sup>.

A fúria purificadora da Contra-Reforma voltou, porém, a recolocar o altar-mor no muro noroeste, onde se manteve até ao restauro da década de quarenta do século XX.



Contraforte da mesquita

### O mihrab

O mihrab da mesquita de Mértola é uma peça única no contexto da arte islâmica em Portugal e que, de forma quase miraculosa, chegou até aos nossos dias. Durante muitos anos escondido sob uma camada de reboco foi desenterrado em meados do século XX.

Encontra-se articulado em três zonas diferenciadas: um soco liso, uma arcaria cega e a cúpula. Apresenta uma planta em forma de meio octógono e está coberto por uma abóbada em quarto de esfera feita com fiadas horizontais de tijoleira. Apesar de se encontrar bastante mutilado apresenta ainda, na parte superior restos de uma notável decoração em gesso, onde ainda se pode ver uma decoração em estuque, hoje sem policromia, com três arcos cegos polilobados rematados inferiormente por um pequeno ressalto e superiormente por uma cimalha moldurada por dois cordões do infinito,

tema que se repete no topo do conjunto<sup>26</sup>.

Junto ao mihrab havia ainda espaço para o minbar, estrutura móvel do alto da qual o jatib se dirigia à congregação de fiéis durante a oração das sextas-feiras. Também essa peça sobreviveu à Reconquista, sendo ainda utilizada em meados do século XVI, altura em que se menciona a existência de “hum pulpito mouidiso” junto ao altar-mor<sup>27</sup>. Infelizmente, é essa a derradeira referência ao minbar, pelo que é de supor que terá sido destruído pouco depois.

### O alminar

A Reconquista de Mértola veio dar novas funções ao alminar da sua mesquita, convertido em campanário e pás a chamar à oração os crentes de outra fé. As vozes dos almuedãos deram, em definitivo, lugar ao som dos sinos.

O alminar era ainda perfeitamente visível ao tempo em que foi feito o desenho de Duarte Darmas. Era uma torre exterior ao edifício e que

Mihrab da mesquita de Mértola (pormenor)





tinha uma escada em caracol, provavelmente disposta em lanços - cada um deles com uma pequena janela - e patamares sucessivos. Duas bandas de arcarias cegas eram ainda visíveis, nos inícios de Quinhentos, na parte superior do alminar.

Implantava-se no alinhamento da nave central da mesquita, situação que não tem muitos paralelos<sup>28</sup>. A sua altura devia aproximar-se da dezena e meia de metros, cálculo estabelecido a partir da largura da capela existente no muro noroeste da igreja - e que foi em tempos o embasamento da torre<sup>29</sup>.

Além de fornecerem dados sobre a sua estrutura os textos escritos vão dando conta, ao longo do século XVI, da progressiva degradação que se vai registando naquela estrutura, o que levou à sua demolição e à construção de um novo campanário, edificado no século XVIII no vértice sul da igreja<sup>30</sup>.

#### 4. A necrópole e o arrabalde

Quem saísse das muralhas de Mértola e seguisse na direcção de Beja era acompanhado, durante várias centenas de metros, pela visão da *maqbara* (cemitério) da cidade. Seguindo uma tradição herdada do mundo antigo e presente em todo o Mediterrâneo as cidades dos mortos ficavam sempre fora de portas, numa clara demarcação entre a vida (imagem da ordem e da luz) e o além (sinónimo do caos e das trevas). Por esse motivo o cemitério islâmico de Mértola se sobrepôs a anteriores espaços mortuários e ocupou, entre os séculos VIII e XIII d.C. o terreno onde estivera a, entretanto abandonada, basílica da Antiguidade Tardia<sup>31</sup>.



Rossio do Carmo (em primeiro plano)



É pouco provável que o Rossio do Carmo tenha conhecido um período de abandono nos inícios da islamização. Embora seja identificável, do ponto de vista arqueológico, um nítido estrato de destruição (com abundantes vestígios de telhado sobre o pavimento), o local nunca terá deixado de desempenhar funções funerárias. Não só algumas sepulturas islâmicas se encontram no mesmo nível arqueológico das cristãs como apresentam com estas fortes semelhanças do ponto de vista construtivo, no que parece ser uma simultaneidade de atitudes de ruptura (em relação ao rito funerário) e de continuidade (em termos do espaço ocupado e, até, de certas atitudes perante a morte<sup>32</sup>).

O rito funerário praticado pelos muçulmanos obrigava, como é bem sabido, à deposição do corpo no túmulo em decúbito lateral direito, com a cabeça orientada a S/SO, e a face virada para nascente. As pernas permaneciam ligeiramente flectidas e as mãos recolhidas na zona púbica.

Nos enterramentos islâmico a fossa é sempre intencionalmente estreita para firmar o corpo lateralmente. A inumação sem espólio cultural constitui também norma nestas necrópoles, sendo raros os exemplos comprovados que escapam a tal regra<sup>33</sup>.

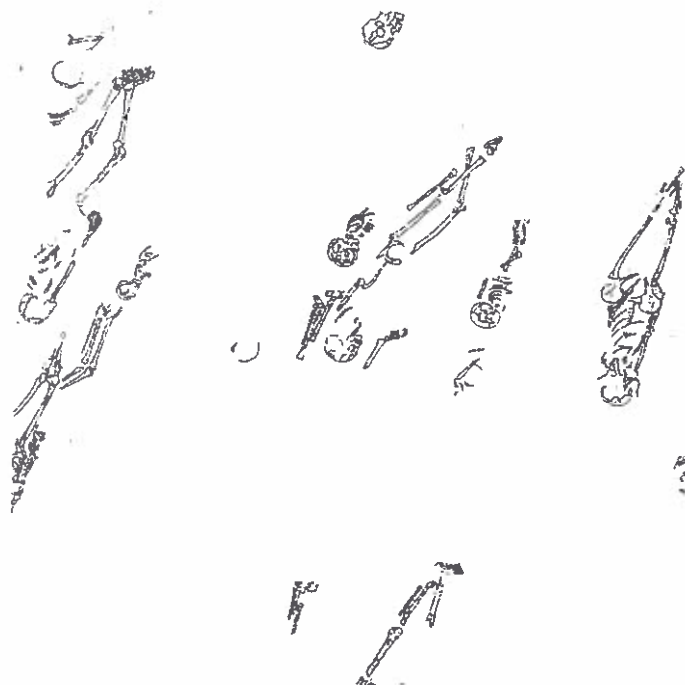
Chegaram até nós apenas seis lápides funerárias islâmicas de Mértola: quatro pertencem à colecção do Museu Nacional de Arqueologia, uma ao Museu de Évora, tendo a outra sido depositada no Museu de Mértola. Conhece-se ainda a referência a uma outra epígrafe, entretanto desaparecida da qual vários epigrafistas viram apenas o molde em gesso<sup>34</sup>. O carácter tardio dessas lápides (enquadram-se, com uma excepção, no período pós-califa<sup>35</sup>) é reflexo de uma realidade concreta: o relativamente lento processo de islamização, ao qual se opõem no Gharb al-Ândalus as estruturas sociais, económicas, políticas e religiosas herdadas do mundo romano. Essas resistências são, ao nível dos ritos funerários, ainda mais claras no conservador mundo rural que nos pragmáticos e maleáveis espaços urbanos<sup>36</sup>.

Desconhece-se o local exacto de proveniência de cinco das lápides de Mértola. Das outras duas temos notícia do sítio preciso onde se fez a recolha, que não correspondia, ainda assim, ao seu local de origem: para além da que Fr. João de Sousa registou nas imediações da cidade<sup>37</sup>, uma outra - a que se reporta à sepultura de um Ibn al-Huwari - foi referenciada em finais do século passado por Estácio da Veiga no lado nordeste da Torre de Menagem<sup>38</sup>. Supõe-se que todo este conjunto seja proveniente da extensa necrópole, que ocupava cerca de 2 hectares, entre as muralhas da cidade e o extremo norte do Rossio do Carmo.

A escassez de epígrafes não é de molde a causar espanto. Em 1847 Pascual de Gayangos assinalava que Felipe II tinha mandado martelar, em 1574, 500 inscrições árabes existentes em Toledo,

podendo por isso atribuir-se à islamofobia e à recristianização o desaparecimento do legado epigráfico islâmico<sup>39</sup>; noutras cidades, como Lisboa, as lápides foram simplesmente doadas e reaproveitadas em novos edifícios.

No caso de Mértola parece admissível que a destruição global do sítio, causada pela proximidade da necrópole islâmica em relação à superfície actual do Rossio do Carmo possa ter inviabilizado a recuperação de epígrafes. Mas, e talvez mais importante, é defensável a existência de diferentes sectores dentro desta maqbara, nas quais se reflectiria de forma sensível a diferenciação social. A austeridade construtiva das sepulturas do Rossio do Carmo não é, seguramente, consentânea, com o estatuto dos senhores da cidade. No campo de hipóteses, podemos considerar que a pobreza da zona do cemitério islâmico que foi possível escavar corresponderá a uma população de menores recursos. Aos estratos abastados estaria reservada a inumação mais perto dos muros da cidade ou, talvez, estruturas de maior complexidade, talvez mesmo alguma pequena *rawda*, à semelhança dos panteões que emires e califas instalavam nos jardins dos seus alcáceres e dos quais temos notícias em Córdova, Sevilha e Granada<sup>40</sup>. Estruturas de inumação familiar mais modestas foram recentemente escavadas em Gibralfaro (Málaga) e dão-nos conta de uma forma de tradição funerária para a qual as excepções começam a ser mais frequentes do que se poderia imaginar<sup>41</sup>.



Enterramentos islâmicos

O Rossio do Carmo



Algumas centenas de metros a oriente da necrópole ficava o único arrabalde conhecido de Mértola. Sobrepondo-se ao antigo templo cristão que marcava o limite este da necrópole cristã da Alta Idade Média organizou-se, nos primeiros séculos de islamização, um conjunto de habitações que teve ocupação comprovada até finais do século XI e cujos vestígios se vêem ainda tanto ao longo da Rua Dr. Afonso Costa como nas escavações arqueológicas recentemente realizadas no Cine-Teatro Marques Duque.

Ainda que outros detalhes nos escapem a tradição daquela zona manteve sempre uma estreita ligação com a actividade piscatória - como o testemunha a presença da Igreja de Santo António dos Pescadores<sup>42</sup> -, pelo que a hipótese mais provável é que durante parte da islamização, e mesmo eventualmente depois da Reconquista, a área deste arrabalde tenha albergado uma população que se dedicava à exploração dos recursos fluviais.

## Conclusão

A reconquista de Mértola em 1238 virou uma página da história da cidade e de toda uma região. Durante longos séculos a face da povoação pouco se alterou. Cortada a dinâmica mercantil que o Mediterrâneo permitia Mértola fechou-se sobre si e cristalizou.

Apesar de um potencial arqueológico há muito conhecido foi preciso esperar muitos anos para que escavações sistemáticas se iniciassem e produzissem resultados. Os primeiros resultados que agora se começam a sedimentar seriam impossíveis de apresentar há duas décadas. O conhecimento da topografia da Mértola Islâmica começa agora a ganhar contornos um pouco mais precisos e podemos apontar mais do que simples hipóteses.



Em termos globais, podemos considerar dois períodos bem diferenciados em termos cronológicos e que estão presentes em locais precisos de Mértola:

\* Os vestígios de épocas mais antigas foram encontrados na zona do alcácer e no arrabalde. Em ambos os casos estamos na presença de zonas habitacionais que terão sido abandonadas em finais do século XI. Generalizou-se a partir dessa altura o reforço das defesas urbanas - o que dá sentido ao abandono e subsequente militarização do alcácer - e a concentração de populações no interior dos amuralhamentos - o que explicará o abandono do arrabalde.

\* Na segunda metade do século XII assistiu-se a uma campanha de obras de grande envergadura, traduzida na construção do bairro da alcáçova e na reformulação da mesquita aljama. Se esta última tem sido estudada/reconstituída principalmente a partir de elementos iconográficos antigos e de fontes escritas recentemente editadas, no bairro tem sido possível escavar e identificar o mais completo conjunto urbano daquele período conhecido no nosso País.

Vinte anos depois do início dos trabalhos arqueológicos começamos a ter dados mais precisos sobre a topografia urbana da Mértola islâmica. Algumas hipóteses confirmaram-se, outras foram abandonadas, outras ainda foram revistas e re-enquadradas. Há mais certezas sobre a forma como o povoado se organizava ainda que, com toda a probabilidade, mesmo as certezas adquiridas serão um dia postas em causa.

O que até agora se encontrou como organização urbana - muralhas, áreas do poder, espaços habitacionais, zonas funerárias - é, afinal, comum a muitos outros pontos do Mediterrâneo Ocidental. O que se recolheu em termos de materiais arqueológicos confirma a existência de redes de contactos, de trocas comerciais e de um vaivém de pessoas que só a Reconquista quebrou. Está sobretudo aí, na procura e identificação dessas múltiplas realidades, uma das chaves da investigação em torno deste último porto do Guadiana.

## Bibliografia

- ALVES, Luís Fernando Delgado (1956) - Aspectos da arqueologia em Myrtilis. In *Arquivo de Beja*. Beja: Câmara Municipal. XIII, p. 21-101.
- BARROS, Maria de Fátima [et al.] (1996) - *As comendas de Mértola e Alcaria Longa. As visitasões e os tombos da Ordem de Santiago (1482-1607)*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola
- BOIÇA, Joaquim (1998) - *Imaginária de Mértola. Tempos, espaços, representações*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola
- BORGES, Artur Goulart de Melo (1998) - Epigrafia árabe no Gharb. In *Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo*. Lisboa: Instituto Português de Museus. p. 227-255 e 264-266
- CANDÓN, Alicia [et al.] (2001) - Mértola en torno al año mil. In *Actas del V Congreso de Arqueología Medieval Española*. Junta de Castilla y León. p. 559-567
- CATARINO, Helena [et al.] (1981) - Vale do Boto: escavações de 1981 no complexo árabe-medieval. In *Clio*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa. vol. III, p. 9-27

- CHAVES, Luís (1944) - Mértola Cristã (Myrtilis). In *Arquivo de Beja*. Beja: Câmara Municipal. I, p. 97-104.
- COELHO, António Borges (1972) - Portugal na Espanha Árabe. II. Lisboa: Seara Nova
- DELGADO, Manuela (1992) - Cerâmicas tardias de Mértola originárias do Médio Oriente. In *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. nº 1, p. 125-133.
- DIAS, Manuela Alves (1993) - Epigrafia. In *Museu de Mértola - basílica paleocristã*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. p. 103-136
- EWERT, Christian (1971) - El mihrab de la mezquita mayor de Almería. In *Al-Andalus*. Madrid-Granada. XXXVI, p. 391-460
- EWERT, Christian (1973) - La mezquita de Mértola (Portugal). Sep. de *Cuadernos de la Alhambra*. Granada. 9
- EWERT, Christian (1992) - La herencia artística de la España islámica en el Norte de África. In *Al-Andalus. Las artes islámicas en España*. Madrid: Ediciones El Viso. p. 85-95
- FERNÁNDEZ DOMÍNGUEZ, Carmen (1995) - Último sondeo en el cementerio islámico de Málaga. In *Estudios sobre cementerios islámicos andalusíes*. Málaga: Universidad de Málaga. p. 69-82
- FERNÁNDEZ GUIRADO, Inés (1995) - La necrópolis musulmana de Yabal Faruh (Málaga) In *Estudios sobre cementerios islámicos andalusíes*. Málaga: Universidad de Málaga. p. 37-68
- GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (1998) A cerâmica no Gharb al-Ándalus. In *Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo*. Lisboa: Instituto Português de Museus. p. 121-131
- GUICHARD, Pierre (2001) - La société d' al-Andalus à l' époque de la Reconquête. In *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. nº 7, p. 15-35.
- KHAWLI, Abdallah (1997) - La famille des Banu Wazir dans le Gharb d' al-Andalus aux XII et XIII siècles. In *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. nº 5, p. 103-115.
- LABARTA, Ana; BARCELÓ, Carmen (1987) - Inscripciones árabes portuguesas: situación actual. In *Al-Qantara*. Madrid-Granada. VIII, p. 395-420
- LÉVI-PROVENÇAL, Évariste (1931) - *Inscriptions arabes d' Espagne*. Paris-Leyde: Librairie Coloniale et Orientale-E.J. Brill
- LÉZINE, Alexandre (1971) - Sur deux châteaux musulmans d' Ifriqiya. In *Révue des Études Islamiques*. Paris. XXXIX, p. 87-102
- MACIAS, Santiago (1992) - A basílica paleocristã e as necrópoles paleocristã e islâmica de Mértola: aspectos e problemas. In *XXXIX Corso di cultura sull' arte ravennate e bizantina*. Ravenna: Edizione del Girasole. p. 401-434
- MACIAS, Santiago (1993) - Um espaço funerário. In *Museu de Mértola - basílica paleocristã*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola. p. 31-62
- NYKL, A.R. (1942) - As inscrições árabes do Museu Etnológico do Dr. José Leite de Vasconcelos. In *Ethnos*. II, p. 23-31
- NYKL, A.R. (1946) - Arabic inscriptions in Portugal. In *Ars Islamica*. XI, p. 167-188
- PERAL BEJARANO, Carmen (1995) - Excavacion y estudio de los cementerios urbanos andalusíes. Estado de la cuestion. In *Estudios sobre cementerios islámicos andalusíes*. Málaga: Universidad de Málaga. p. 11-36.
- ROLDÁN HERVÁS, José Manuel (1975) - *Itineraria Hispana. Fuentes antiguas para el estudio de las vias romanas en la Peninsula Ibérica*. Valladolid-Granada
- ROSSELLÓ BORDOY, Guillermo (1989) - Almacabras, ritos funerários y organización social en al-Andalus. *Actas del III Congreso de Arqueologia Medieval Española*. Oviedo: Universidad de Oviedo. p. 151-168
- TERRASSE, Henri; BASSET, Henri (1932) - *Sanctuaires et forteresses almohades*. Paris: Institut des Hautes-Études Marocaines
- TERRASSE, Henri (1969) - Dispositions générales des mosquées espagnoles. In *Al-Andalus*. Madrid-Granada. XXXIV, p. 183-187
- TORRES, Cláudio (1982) - A alcáçova de Mértola. Sep. de *Arqueologia*. Porto. 6
- TORRES BALBÁS, Leopoldo (1945) - Los alminares de las mezquitas hispanas. In *Al-Andalus*. Madrid-Granada. X, p. 387-392
- TORRES BALBÁS, Leopoldo (1953) - La mezquita mayor de Almería. In *Al-Andalus*. Madrid-Granada. XVIII, p. 412-429
- TORRES BALBÁS, Leopoldo (1955) - El mihrab almohade de Mértola. In *Al-Andalus*. Madrid-Granada. XX, p. 188-195
- TORRES BALBÁS, Leopoldo (1985) - *Ciudades hispanomusulmanas*. 2ª ed.. Madrid: Instituto Hispano-Árabe de Cultura
- VEIGA, Sebastião Estácio (1880) - *Memória das Antiguidades de Mértola*. Lisboa: Imprensa Nacional
- VIANA, Abel (1950) - Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. In *Arquivo de Beja*. Beja: Câmara Municipal. VII, p. 3-40.

<sup>1</sup> A expressão cidade é aqui usada no sentido de uma povoação que polariza o território à sua volta. Deixamos de parte a identificação cidade/medina ou a utilização da palavra com a equivalência administrativa que actualmente comporta.

<sup>2</sup> ROLDÁN HERVÁS, 1975: 78-79 e 122

<sup>3</sup> VEIGA, 1880

<sup>4</sup> CHAVES, 1944; VIANA, 1950; ALVES, 1956

<sup>5</sup> GUICHARD, 2001:18

<sup>6</sup> TORRES, 1982: 5-6

<sup>7</sup> DELGADO, 1992

- <sup>8</sup> MACIAS, 1993: 54-57
- <sup>9</sup> DIAS, 1993: 115
- <sup>10</sup> GÓMEZ MARTÍNEZ, 1998
- <sup>11</sup> COELHO, 1972: 188
- <sup>12</sup> Ver o paralelo existente em Raqqada - LÊZINE, 1971: 89 (fig. 1)
- <sup>13</sup> CANDÓN, 2001: 559-560
- <sup>14</sup> KHAWLI, 1997: 111
- <sup>15</sup> V. os estudos de TORRES BALBÁS, 1955 e EWERT, 1973
- <sup>16</sup> BORGES, 1998: 265 (n.º 316)
- <sup>17</sup> BARROS, 1996: 68
- <sup>18</sup> TERRASSE, 1969: 184
- <sup>19</sup> BARROS, 1996: 68
- <sup>20</sup> TERRASSE, 1969: 185
- <sup>21</sup> EWERT, 1992: 89, fig. 5
- <sup>22</sup> EWERT, 1992: 88
- <sup>23</sup> BARROS, 1996: 259
- <sup>24</sup> BOIÇA, 1998: 33
- <sup>25</sup> BARROS, 1996: 43
- <sup>26</sup> V. o corte do mihrab de Almeria em TORRES BALBÁS, 1953 e em EWERT, 1971: láminas 18-20 e figs. 6-8.
- <sup>27</sup> Barros, 1996: 318
- <sup>28</sup> Na de Hassan, em Rabat - EWERT, 1992: 92 (fig. 15) ou na Mansoura o alminar eleva-se na face oposta à qibla, ao passo que em Tinmal está por detrás do mihrab - TERRASSE, 1932: 50-51
- <sup>29</sup> Ver a proporção de  $1/3$  ou  $1/4$  estabelecida entre a largura e a altura dos alminares andaluzes - TORRES BALBÁS, 1945: 392
- <sup>30</sup> BARROS, 1996: 356 e BOIÇA, 1998: 35-36
- <sup>31</sup> Actual núcleo paleocristão do Museu de Mértola
- <sup>32</sup> MACIAS, 1992
- <sup>33</sup> ROSSELLÓ BORDOY, 1989: 156 e PERAL BEJARANO, 1995: 25
- <sup>34</sup> NYKL, 1942: 27-28; NYKL, 1946: 174-175 e LABARTA, 1987: 410
- <sup>35</sup> V. estudo de Artur Goulart de Melo Borges neste catálogo
- <sup>36</sup> V. o exemplo dos enterramentos de Vale do Boto - CATARINO, 1981: 12
- <sup>37</sup> BORGES, 1998: 248
- <sup>38</sup> VEIGA, 1880: 157
- <sup>39</sup> LÉVI-PROVENÇAL, 1931: XI
- <sup>40</sup> TORRES BALBÁS, 1985: 236-237
- <sup>41</sup> FERNÁNDEZ GUIRADO, 1995: 46 e 47-48 e FERNÁNDEZ DOMÍNGUEZ, 1995: 69-82
- <sup>42</sup> BOIÇA, 1998: 61-62